

UMA JOVEM APURADA EM APUROS



Essa é mais uma das histórias que cresci ouvindo minha família contar. É um daqueles causos que o nonno Bino tinha no repertório e adorava narrar, fazendo todos rirem. Para quem não sabe quem é o nonno Bino, já escrevi sobre ele no causo “Na troca do plantão médico”. Quem o conheceu sabe que ele adorava contar histórias, e essa aconteceu com a própria filha.

A família morava no Ex-Patrimônio, bairro vizinho à Vila São Jorge. Nos idos dos anos 1960/70, o trajeto mais curto para se chegar ao centro da cidade de Siderópolis era pelo trilho, atravessando o túnel. Nos domingos à noite, por exemplo, membros de várias famílias da localidade se reuniam para irem juntos à missa no centro da cidade. Minha mãe conta que era preciso

levar um par de calçados extra, pois quase sempre os sapatos ficavam muito sujos no trajeto. Então, após atravessarem o túnel, lavavam os pés no córrego e trocavam o calçado. Os sujos eram escondidos no mato para serem pegos e calçados na volta da missa.

O túnel era muito usado por pessoas que precisavam acessar o centro da cidade, fosse a trabalho ou a lazer. Os jovens da Vila São Jorge e do Ex-Patrimônio atravessavam para ir ao cinema, aos bailes no Recreio do Trabalhador, e às festas nas comunidades. Como poucos tinham carros, a solução era ir a pé. Eram outros tempos, em que a interação humana era muito mais intensa.

Se já dá medo atravessar o túnel durante o dia, imaginem à noite e sozinho! Por isso, as pessoas se reuniam em grupos. Creio que muitas das histórias de assombração do túnel surgiram nessas travessias.

Quando era preciso fazer compras no centro da cidade, nonno Bino cangava sua junta de bois e ia de carro de boi. Às vezes acontecia um imprevisto e era preciso mandar algum filho para comprar remédios, por exemplo, e aí o jeito era atravessar o túnel. Nesse caso, eles sempre iam em duplas.

Com o tempo, os filhos e filhas foram crescendo e começaram a ter suas paqueras e namoros. Mais uma vez, o túnel era o trajeto de quem queria se encontrar no centro da cidade. A família fez amizade com um simpático casal de velhinhos que morava na esquina ao lado de onde hoje é o Siderópolis Clube. Eles se chamavam Pierina e Modesto. Prestativos, a casa deles passou a ser parada obrigatória para quem atravessava o túnel. As pessoas paravam ali para descansar e tomar água. As mulheres podiam usar o espelho para retocar a maquiagem e pentear o cabelo, além de lavar os pés e trocar os calçados. O banheiro, que ficava fora da casa, também era constantemente requisitado e prontamente disponibilizado.

Pois bem, dito tudo isso, o causo se passou em um distante sábado à tarde, quando um grupo de amigos atravessou o túnel para se encontrar com seus pares no centro da cidade. Entre eles estava uma tia minha, que estava de namorico com um rapaz da praça.

Eis que, no meio da conversa, a jovem começou a sentir um desconforto intestinal que a deixou apreensiva. Com o passar das horas, ela

mal conseguia se concentrar na conversa. Espremia no rosto um sorriso sem graça, tentando disfarçar o aperto que a assolava. Logo percebeu que qualquer descuido poderia ser fatal.

Tendo notado a inquietação da moça, o jovem perguntou se estava tudo bem, e ela disse que sim, que apenas precisava fazer xixi e iria até a casa da dona Pierina, pedir para usar o banheiro.

O trajeto até lá já lhe parecia infinito: punhos cerrados, pernas pressionadas uma contra a outra, e a concentração total em evitar uma catástrofe. Quem já passou por isso sabe bem como é. Um minuto parece uma eternidade, e cada segundo pode fazer toda a diferença.

Já suando frio, ela chamou a dona da casa e pediu para usar o banheiro. A velhinha, como sempre, autorizou de bom grado.

E aí, mais uma vez: quem já passou por isso sabe que os momentos antes do alívio são os mais tensos. A mente e o corpo já não se entendem, e é aí que mora o maior perigo. Ao fechar a porta do banheiro e levantar a saia, faltou tempo para erguer a tampa do vaso. O jato saiu como de uma metralhadora, batendo na tampa do vaso e se espalhando por todo o banheiro.

E agora? Não havia o que fazer. Desconcertada, a jovem se recompôs, se limpou as presas e chamou a dona da casa:

— Dona Pierina, o que foi que fizeram aqui no banheiro da senhora?

Ao ver a cena, a velhinha exclamou:

— Desgraçada! Então foi aquela porca que usou antes!

Embora tenha contornado a situação, a tensão ainda pairava no ar, ao voltar parar companhia de seu namorado, era o moço, que agora estava inquieto. Cheirava o ar fungando o nariz tentando descobrir de onde vinha aquele cheiro.

— Será que pisei em alguma caca de cachorro? Se perguntou ele, olhando para as solas dos calçados.

— Deve ser algum bueiro aberto! Desconversou a moça, se mantendo a distância.

Narração e ilustração: Macsuel De Bona, historiador, pós-graduado em Patrimônio Cultural.